

O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

LIBRARIA

Assignaturas

ANNO V

Trimestre 300 rs. Semestre 600 rs. Numero avulso 30 rs. Redacção e Administração, Rua de S. Francisco, n.º 52, Barcellos, para onde toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte.

BARCELLOS

Domingo 21 de Outubro de 1894

Publicações

Annuncios, linha 30 rs. Repetições 20 rs. Corpo do jornal 40 rs. Os srs. assignantes gozam o abatimento de 25 %/o. Annunciam-se as publicações litterarias, de que se receba um exemplar.

N.º 242

SABBADO, 20

MYSTERIOS!

Não pertencemos ao numero dos pessimistas, que, só para alargarem a propaganda do seu ideal politico, vão prognosticando a ruina d'este paiz, que puzeram ás bordas do tumulo, ha já bastantes annos; e de tal modo tem sido tristemente cantadas as suas lamurias, que Portugal só teria hoje o seu nome na historia dos paizes, que passaram, se taes profecias se houvessem realisado, já não dizemos no todo, mas em parte sómente.

O nosso paiz tem elementos de vida, e os seus recursos tem prosperado grandemente. Negar isto será contradizer a verdade conhecida como tal, e ninguem o fará na melhor boa fé.

E' certo porem, que, agora, uma estrella má nos prosegue, parecendo do mesmo que sobre nós peza um anathema terrivel, que nos esmaga, e que inutilisa todos os nossos esforços, todos os nossos trabalhos e todas as nossas dedicações, em prol da patria, que tanto presamos, e das instituições, que tanto estremeçemos.

Attribue-se este desandar vertiginoso da roda da fortuna a um mau sestro, que se diz estar encarnado na pessoa do sr. Hintze Ribeiro; e, se não é, parece-o ao menos. O facto de sr. Hintze Ribeiro não ter nunca um sorriso, que o obrigue a mostrar os dentes a alguém, é um enigma, tal qualmente o piar d'um mocho sobre o telhado da casa de uma pessoa doente! Tarrenegol!

Nós não duvidamos da honradez, das aptidões e do estudo do nobre estadista, mas, francamente, assusta-nos a permanencia no poder de um politico, tido e havido por um grandissimo callistol!

O sr. conselheiro Antonio Candido, referindo-se na camara dos Pares, na sessão de 17 d'este mez, ao discurso do sr. presidente do conselho, disse, que — maior mal tem feito este ao paiz, em poucos mezes do que o partido progressista ha quarenta annos —!

Pois que significa este desencadear procelloso de continuas adversidades sobre este pobre paiz, succedendo-se unas ás outras sem intermitencias, sem treguas e sem dô nem piedade?!

Agora apparece a questão de Lourenço Marques, em que mais somos orientados pelas noticias, que nos vem do estrangeiro, do que mesmo pelas informações officiaes, que o governo tinha restricta obrigação de dar ao paiz. Será caso, que ande *moiro na costa*, e nos seja preciso passar

mais uma vez por uma colardissima humilhação, para se não aggravarem as nossas relações diplomaticas com qualquer potencia *alliada*, que pretenda gazofilar-nos mais aquella nossa possessão tão importante e tão util à metropole?

Mysteriol... O sr. Hintze, que se não ri, tambem o fará por... mysterio?! Pois de mysterios é, que nós não podemos, nem queremos viver.

Faça-se a luz precisa sobre o caso, porque rumorejam pela imprensa uns certos *zums zums* que tanto comprometem o governo, como inquietam o paiz; e, como nada ha de mais occulto, que não venha a revelar-se, na phrase mesmo do Evangelho, mais hoje, mais amanhã, tem de chegar ao dominio do publico o erredo de toda esta meada, que nos está a fazer passar pelo rebaixamento de sermos uma nação incapaz de sustentar as suas colonias, e de as fazer aproveitar em utilidade propria.

Um funcionario publico, chegado ha pouco de Moçambique, declara em artigos editados no «Primeiro de Janeiro» que o vice-consul inglez em Quilimane pedira auctorisação para despachar — *lires de direito* — 19 caixas de generos alimenticios e utensilios agricolas, para os missionarios no lago Niassa. Que essas caixas sendo abertas, continham espingardas Remington, foguetes de guerra e outros aprestes e munições. Que esse vice-consul, foi preso pelas nossas auctoridades, mas, posto logo em liberdade, archivando-se o processo, por ordem do ministerio do ultramar, que mandou dar livre transito a essas munições de guerra!

«As Novidades» deixam ver, em entrelinhas, que se movem altos interesses no fundo da questão de Lourenço Marques: — o caminho de ferro, cujo contracto foi rescindido a Mac-Murdo.

Quem te avisa, teu amigo é. Diz-se mais, que o sr. João Franco, empando de pimponice, se pavoneara dizendo a amigos seus — tenho dinheiro para dous annos e vontade para quatro.

M.s d'onde é então, que vem a bagalhoça para enfartar a matula durante aquelle espaço de tempo, sendo que o sr. Santos Viegas já apanhou quantia superior a um cenlo de reis, para obras na sua residencia e na egreja da sua freguezia?

Ora tudo isto não são mysterios, que deixam a gente a seismar no meio de tanta podridão de tanta descrença?! Entendemos, que sim.

O que nos parece, porém, é que se o governo tivesse tanto

amor á sua honra e á honra do paiz, como tem ás costas, a que está zgarado, não esperava mais um dia para dar a sua demissão.

Mas elle que insiste em conservar-se, é por que assim gosta de estar. Tudo mysterios!

DISCURSO

O nosso illustre chefe profiriu na camara dos pares um brilhante discurso, que, apesar do pouco espaço de que dispomos, não podemos deixar de oferecer aos nossos leitores, ainda que traccionado por dois ou mais nu meros.

O sr. conselheiro José Luciano de Castro com a sua palavra auctorisada e honrada, com o seu elevado criterio parlamentar, com uma argumentação tersa e vigorosa, com a firmeza do seu patriotismo e lealdade, com o prestigio da sua estatua de primeiro entre os mais illustres estadistas d'este paiz, entrando no incidente levantado pelo vice-almirante sr. Baptista d'Andrade, ácerca da desastrada phrase do discurso da corôa — *em regra*, deixou o governo n'uma situação desgracadosissima, e tal que o importante jornal *O Tempo*, que não é progressista, diz: «ao discurso do sr. José Luciano só poderiam responder os ministros indo ao Paço depôr nas mãos d'El Rei o mandato, que não sabem cumprir, entregando o poder que deshonram, comprometendo as instituições com a sua cobardia e com a sua inepecia.»

Segue o discurso:

Sr. presidente. Não se trata de discutir a resposta ao discurso da corôa, essa discussão tem o seu logar e cabimento na occasião propria.

O sr. Baptista de Andrade perguntou ao governo se em certa phrase inserida no discurso da corôa tinha havido intenção de offender a marinha. O sr. ministro da marinha respondeu que não tinha havido tal intenção e fez a apologia da armada. Seguiu-se o sr. Camara Leme, que fez a respeito do mesmo assumpto, um discurso vigoroso, como costumam ser quasi todos os discursos de s. ex.ª. E depois d'isso admittiu v. ex.ª que eu entrasse tambem na discussão. Não foi e la levantada por mim, mas pelo digno par, que não pertence á opposição, o sr. Baptista d'Andrade. Se o sr. Serpa entende que esta discussão está deslocada tem a queixar-se unicamente do sr. Baptista d'Andrade e do sr. ministro da marinha. Pois queria s. ex.ª que eu assistisse indifferente á pergunta do sr. Baptista d'Andrade, a resposta do sr. ministro da marinha, ao discurso do sr. Camara Leme e á replica do sr. presidente do conselho, e não tivesse direito a fazer qual quer observação ou reparo?!

Esta questão não foi provocada por qualquer expediente de politica partidaria. Não foi levantada por mim, mas por um digno par que, na sua posição especial, entendeu que faltaria ao seu dever se não provocasse explicações categoricas por parte do governo. Essas explicações vieram, mas não me satisfizeram, nem nos podem satisfazer.

Preciso que o sr. ministro da marinha me dê explicações mais cabaes. Preciso de s. ex.ª, para lhe fazer algumas perguntas, e perguntas que exigem prompta resposta de s. ex.ª. Quem levantou esta questão? Fui eu porventura? Deixam fazer a interpellação ao sr. Baptista d'Andrade; deixam ao sr. Camara Leme fazer o seu energico e brilhante discurso, e agora que eu entro no debate, porque de caro que me não sati-fazem as respostas dadas pelo sr. ministro da marinha e pelo sr. presidente do conselho aquelles dignos pares, agora é que o sr. Antonio de Serpa nos vem dizer que esta discussão está deslocada, que o seu logar é na resposta ao discurso da corôa, e em consequencia d'isso manda para a meza a sua moção!

Mas para que levantaram a questão? Unicamente para a abafarem agora?!

Se a camara quer adiar a discussão para quando se elaborar a resposta ao discurso da corôa, está no seu direito, mas faz mal, porque, se julga abafar assim a questão, não a abafa.

O que me parece de toda a conveniencia é que esta discussão seja adiada, por motivo da ausencia do sr. ministro da marinha, para uma das proximas sessões em que s. ex.ª se dignará vir á camara. Nesse sentido é que eu mandei para a meza a minha proposta.

No caso porem que seja approvada a moção do sr. Antonio de Serpa, *leader* da maioria e chefe do partido regenerador, pelo menos chefe honorario, adiado se a discussão par; quando se trat da resposta ao discurso da corôa, eu accitarei a resolução, mas lavo as mãos, d'essa violencia. Sim, d'essa violencia, porque é uma violencia obrigar-me a discutir as palavras do sr. ministro da marinha, na ausencia de s. ex.ª. Suppondo, portanto, que a camara approve a moção do sr. Serpa Pimentel, eu peço licença ao sr. presidente, para na ausencia do illustre ministro, fazer as minhas observações.

Sr. presidente, disse o sr. presidente do conselho que não fôra intenção do governo offender a marinha de guerra. Desejo saber qual foi n'esse caso a sua intenção? Necessariamente essas phrases não de significar alguma coisa. O que é que significam?

Se o governo não teve intuito de molestar a marinha, desejo que me diga qual foi o seu proposito escrevendo no discurso da corôa aquell as palavras?

Escreveu as sem intenção ao acaso, como quem lança no papel as primeiras palavras que occorrem? Não, pode ser. Essa explicação não se pode admittir em estadistas de tão alto porte.

Qual foi, pois, a intenção do governo?

Eu já li na imprensa ministe-

rial e na imprensa estrangeira, que essas palavras foram escritas no intuito de alliviar o governo de responsabilidades relativas ao conflicto brasileiro.

Mas, se assim é, para que foram escriptas aquellas phrases do discurso da corôa que alludem ao procedimento da nossa marinha durante a revolução brasileira? Para alliviar o governo de responsabilidades, diz-se. De quaes responsabilidades?

Das responsabilidades politicas? E' tarde. Consta de documentos officiaes que, quando o sr. conde de Paraty chegou ao Rio de Janeiro desapprovou o procedimento do commandante da esquadilha portugueza, e que o commandante pedira a demissão ao governo, que lh'a recusou.

Desde o momento em que o commandante da esquadilha, o sr. Castilho, pediu ao governo portuguez a sua demissão, por se ver em conflicto com o nosso representante n'aquelle paiz, e desde que o governo lh'a recusou, é claro que o gabinete accitou toda a responsabilidade do procedimento do mesmo commandante, duran'e os graves acontecimentos que se deram no Brazil. Portanto, para o alliviar das responsabilidades politicas, é tarde.

E para as responsabilidades criminaes é muito cedo. Enquanto os tribunaes não pronunciarem o seu julgamento, o governo não pode, nem deve, ter opinião a tal respeito. E muito menos deveria inserir no discurso da corôa essas phrases, para serem proferidas pelo soberano.

(CONTINUA)

COMMERCIO

A associação commercial de Barcellos resolveu ha tempo, como o noticiamos, representar á camara dos senhores deputados para que sejam restabelecidos os juizes eleitos, a fim d'evitar os enormes prejuizos que o pequeno commercio está soffrendo.

Para isso pediu a coadjuvação das associações commerciaes do norte; e todas estão esperando por um parlamento que mereça alguma confiança, e por um governo que tenha na devida consideração uma classe que, se quizer, o pode esmagar.

Por ora é cedo.

Se representam aos senhores deputados, essas representações são desprezadas; se pedem ao governo, e se o fazem com energia a que tem direito, essas pedidos tem uma resposta doida — a dissolução das associações.

Por ora é cedo, repetimos.

A associação commercial de Santarem, e, com ella, outras associações do sul, lá andam n'um trabalho muito semelhante ao iniciado pela associação commercial de Barcellos.

Eis a circular de Santarem:

OS ORPHÃOS DE CALCUT

ROMANCE HISTORICO MARITIMO, ORIGINAL DE H. Lopes de Mendonça

Um lindo volume adornado de magnificas gravuras a cores, desenhos do distincto pintor João Vaz. E' um dos romances que melhor accitação tem tudo em Portugal. Extenso enredo, commovedoras scenas dramaticas, sobresahindo a descripção da heroica lade da mulher portugueza que atravessa todos os perigos para ir á India em busca dos filhos queridos, que lá, tinham ficado sem pae, que os mouros mataram em rija péleja.

Um elegante volume 800 reis. Pelo correio 850 reis Por assignatura 60 reis cada semana. As gravuras são offerecidas como brinde a todos os assignantes.

Dirigir pedidos a qualquer livraria do Porto ou da provincia, ou á

Empreza Editora Mello d' Azevedo e C.^a 147, Rua dos Retrozeiros, 147, Lisboa

Está já a imprimir-se o bello romance original de D. João da Camara intitulado

EL REI

Seguindo-se outros romances des eminentes escriptores: Pinheiro Chagas, Antonio Eanes, Sousa Monteiro, Visconde de Castilho, Zephyrine Brandão, etc.

Tudo romances genuinamente portuguezes, adornados com formosissimas gravuras a cores, que são offerecidas como

Brinde a todos os assignantes

Em Barcellos é correspondente da Empreza o sr. Julio Joaquim Barreto—Campo da Feira.

LIVRARIA ESCOLAR

DE

CRUZ & C.^a EDITORES

BRAGA

A MESTRA DOS CHANTEPOT

Por Mary Floran, versão Alfredo Campos 1 vol. brochado..... 400 reis

VIDA DO ARCEBISPO D. FR. BARTH-LOWEU DOS MARTYRES

Por Fr. Luiz de Sousa 3 grossos vol..... 1\$800

CURA DAS MOLESTIAS PELA AGUA

Obra illustrada com gravuras para applicações dydroterapicas, pelo celebre rev. padre Sebastião Kneipp, traducção do saudoso extincto Alves d'Aranjo. 2 vol. brochados..... 1\$200

O ANJO DA MOCIDADE

OU

VIDA DES. LUIZ GONZAGA

Por J. J. Almeida Braga—2.^a edição 1 vol. brochado.... 200

S. GONÇALO D'AMARANTE

Poema lyrico em seis cantos, por Francisco Lopes, poeta seicentista, com uma polygraphia Camoneana pelo professor decano do lyceu de Braga, dr. Pereira Caldas. 1 vol. brochado... 200—Em papel assetinado... 250

POETAS DO MINHO

MONOGRAPHIAS

Por ALBERTO PIMENTEL

1—João Penha

A seguir «Monographias» d'outros poetas das differentes localidades d'esta encantadora provincia.

O Portugal Jacobino

Por JACINTHO FERNANDES

Crítica resposta ao «Portugal Jesuita» de M. Borges Grainha 1 vol. brochado..... 500

N'esta livraria encontra-se variado sortido de livros adoptados nas escolas primarias, lyceus e seminarios. Obras litterarias, religiosas e l'ergicas. Deposito dos livros do Archivio Juridico e de muitas edições escolares—impressos segundo os modelos officiaes para a escripturação nas escolas publicas.

LIVRARIA ESCOLAR

DE CRUZ & C.^a—EDITORES

68, Largo do Barão de S. Martinho, 71—56, Rua Nova de Sousa, 58 BRAGA

DICCIONARIO (TOPOGRAPHICO) DE PORTUGAL

(Parte continental e insular)

Designando a população por districtos, concelhos e freguezias, a superficie por districtos e concelhos, etc., etc.

Mencionando todas as cidades, vilas e outras povoações, ainda as mais insignificantes, a divisão judicial, administrativa, ecclesiastica e militar, as distancias das freguezias ás sedes dos concelhos, e comprehendendo a indicação das estações do caminho de ferro, postaes, telegraphicas, telephonicas, do serviço de emissão de vales do correio, de encomendas postaes, repartições com que as differentes estações permulam malas, etc., etc.

por F. A. de Mattos Empreza do Ministerio da Fazenda 1 volume com mais de 800 paginas, 1\$500 reis. A venda nas principaes livrarias, e na administração da empreza editora «O Recreio», rua do Marechal Saldanha, 59 e 61, Lisboa.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

DE Livros antigos e modernos

Publicação mensal, gratuita Recomendamos a leitura d'esta utilissima publicação aos amadores de bons livros, ao clero e a todas as pessoas que desejarem estar em dia com o movimento litterario do nosso paiz.

Envia-se gratuitamente e franco de porte a todas as pessoas que a pedem aos editores Almeida & C.^a, 34, rua do Almada, 238—Porto.

AGENDA FORMULARIO

MEDICO-PHARMACEUTICO por Augusto Cesar da Costa Goes

Pharmaceutico pela Universidade de Coimbra. 2.^o anno 1893

Preço 500 reis.—Guillard, Aillaud e C.^a, Lisboa.

VIAGENS PORTUGUEZAS

PORTUGUEZES E INGLEZES EM AFRICA

ROMANCE SCIENTIFICO por VICTORIA PEREIRA

TENENTE DE INFANTERIA Um vol..... 600 reis EMPREZA EDITORA DO RECREIO. A venda na Administração do Recreio, rua Formosa n.º 26, as principaes livrarias de Lisboa

AOS CORPOS ADMINISTRATIVOS

BLUCIDARIO

Para a facil organização dos Orçamentos e contas Das

Camaras, juntas de parochia, confrarias e irmandades

Esta util e importante publicação bastante volumosa pelas desenvolvidas indicações e esclarecimentos que presta, contem uma collecção magnifica de modelos para orçamentos ordinarios e supplementares.

Cada exemplar custa 500 reis; pelo correio, 520 reis.

Os pedidos devem ser feitos a Proença, Filhos e C.^a—Guarda.

CALCULO

COMMERCIAL

VERSÃO PORTUGUEZA DA ULTIMA EDIÇÃO DO NOTAVEL LIVRO ALLEMÃO

QUINTESENZ DES KAUFMANNISCHEN RECHNENS

DO

DR. EDUARD AMTHOR

Antigo director da Escola Commercial e da Escola Superior do Commercio de Gera

POR

LUIZ M. DOS SANTOS

Com o Curso Superior do Commercio pelo Instituto Industrial e Commercial de Lisboa e com Curso Superior de Lettras

Systema de applicação dos methodos praticos de calculo rapido, abreviado e mental aos ramos mais importantes do commercio, operações sobre mercadorias, cambios, moedas, comissões, juros, contas-correntes, vencimento commum, regras de percentagem, fundos, acções, arbitragens, facturas, etc., etc. Explicado por numerosos exemplos e acompanhado por mais de 1:000 exercicios

Este notavel livro allemão cuja traducção recommendamos a todos aquelles que se dedicam a estudos commerciaes, é inteiramente baseado nos processos praticos de calculo, que o seu auctor, o sabio professor dr. Eduard Amthor, expõe com o mais alto criterio ao alcance de todas as intelligencias Por um lado procura explicar, com uma precisão pouco vulgar, os methodos de calculo seguidos e adoptados pelos praticos, na maior parte dos casos, sem a necessaria comprehensão da sua razão de ser: por outro lado, consegue formar um methodo completo e inteiramente scientifico, em que a theoria está constantemente justificando a pratica, de calculo rapido, abreviado e mental até hoje pouco estudado entre nós e mesmo nos mais paizes, a não ser na Alemanha, onde os estudos commerciaes tem atingido o mais alto grau de perfeição e de desenvolvimento.

Não quizeimos alterar em nada o texto do original e por isso o valor d'esta obra, hoje considerada a melhor, entre as melhores do seu genero, em allemão, onde conta cinco edições, será inteiramente mantido na traducção que hoje apresentamos, por isso que ella é tão fiel quanto em nossas forças coube faz-la.

O estudo d'este livro julgamos-o necessario, e sob todos os pontos de vista, de grande utilidade a quem se dedique a estudos commerciaes e exerça a pratica do commercio.

A exposição, a forma de deduzir, a exemplificação, tudo enfim é novo n'este livro, para nós, mas essa novidade é salutar e faz-nos agradavelmente perceber existir alguma coisa de mais comprehensivel e de mais util do que o processo habitualmente seguido, na maior parte, dos nossos livros de estudo.

Condições de assignatura

O Calculo Commercial, constará de um unico volume de cerca de 400 paginas e distribuir-se-ha em 16 fasciculos semanales, que serão levados a casa dos senhores assignantes em Lisboa e Porto e nas localidades onde houver distribuição organisaada.

Cada fasciculo custa 100 reis pagos no acto da entrega O preço da obra depois de completa será elevado a 2:000 reis

As pessoas que desejarem assignar nas localidades onde não houver correios dentes, deverão enviar adiantadamente a importancia de 5 fasciculos, ou multiplo de 5, e o pedido lhes será immediatamente satisfeito, franco de porte.

Quando a traducção exceda 460 paginas, os assignantes só pagarão 16 fasciculos e receberão com o ultimo e gratuitamente o final da obra.

A correspondencia deve ser dirigida á ANTIGA CASA BERTRAND JOSE BASTOS—Livreiro-editor Rua Garrett, 73, 75—Lisboa.

PHARMACIA

DA

Santa e Real Casa da misericórdia

DE

BARCELLOS

CAMPO DA FEIRA—EDIFÍCIO DO HOSPITAL

DIRECTOR—AVELINO AYRES DUARTE Pharmaceutico de 1.^a classe pela Universidade de Coimbra

Variado sortimento de fundas, algalias, meias elasticas suspensorios, de madeiras, thermometros, etc.

Grande collecção de productos chimicos, especialidades, pharmaticas e aguas medicinaes nacionaes e estrangeiras. (76)

TYP. DO «COMMERCIO DE BARCELLOS»

Rua de S. Francisco, n.º 52

Editor responsavel:

JOAQUIM MACIEL, DE RORIZ